

# **ESTRATÉGIAS EFICAZES PARA ALFABETIZAÇÃO DA CRIANÇA AUTISTA NO ENSINO REGULAR**

**Vanessa Antônia Silva Teixeira**

Acadêmica do curso de Pedagogia da Faculdade 'Almeida Rodrigues (e-mail: vanessastradlinterreira22@gmail.com)

**Luana da Conceição Vilela**

Acadêmica do curso de Pedagogia da Faculdade Almeida Rodrigues (e-mail: luana20vilela@gmail.com)

**Patrícia Maria de Melo Paiva**

Acadêmica do curso de Pedagogia da Faculdade Almeida Rodrigues (e-mail: anaclaraac11@hotmail.com)

**Simone Pereira de Oliveira Azambuja**

Orientador(a) do curso de Pedagogia da Faculdade Almeida Rodrigues (e-mail: simoneazambuja@yahoo.com.br)

## **RESUMO**

Autismo é um transtorno do desenvolvimento neurobiológico que afeta principalmente a comunicação e a interação social. Abordar este tema é importante, pois, o desempenho da criança com autismo depende do conhecimento dos profissionais educadores juntamente com a família. As crianças autistas podem interagir e conviver em sociedade desenvolvendo o máximo de seu potencial se ajudadas e direcionadas mediante ações pedagógicas. O presente estudo foi realizado por meio de pesquisa bibliográfica em livros, revistas e artigos, tendo como objetivo conhecer as metodologias eficazes para alfabetização da criança com transtorno do espectro autista, para tanto buscou-se, conhecer as características do transtorno do espectro autista, conceitos, formas, sintomas, diagnósticos e tratamento, buscou-se ainda compreender o processo de alfabetização das crianças autistas.

**Palavras-chave:** Autismo. Alfabetização. Estratégias

## **EFFECTIVE STRATEGIES FOR AUTISTIC CHILD LITERACY IN REGULAR EDUCATION ABSTRACT**

Autism is a disorder of neurobiological development that mainly affects communication and social interaction, as methodological strategies there is the ludic with the use of cards, figures with Velcro, posters, among others, which stand out with efficiency in the work with literacy of children with ASD. The present study was carried out through a bibliographical research through books, magazines and articles, with the objective of knowing the effective methodologies for literacy of the child with autistic spectrum disorder, for that, we sought to know the characteristics of the autistic spectrum disorder, concepts, forms, symptoms, diagnoses and treatment, we also sought to

understand the literacy process of autistic children and, finally, the need for training educators to promote teaching strategies in literacy and inclusion of children with ASD was discussed.

**Keywords:** Autism, literacy, strategies

## 1 INTRODUÇÃO

O autismo é um distúrbio global do desenvolvimento que afeta cerca de setenta milhões da população mundial. O autismo tem como característica um desenvolvimento acentuado fora do padrão em relação às interações sociais e comunicação, assim como pelo repertório restrito de atividades e interesses. Estas características podem levar a um isolamento contínuo da criança e sua família. Entretanto, acredita-se que a inclusão escolar pode proporcionar a essas crianças oportunidades de convivência com outras da mesma faixa etária, constituindo-se num espaço de aprendizagem e de desenvolvimento da competência social.

A quantidade de crianças autista, nas salas de aulas do ensino regular vem aumentando significativamente, sendo necessário que as instituições estejam preparadas para atender da melhor forma os seus alunos portadores de TEA. Os professores precisam adotar metodologias que agreguem o conhecimento para estas crianças, necessitando de qualificação e conhecimentos necessários para atender a criança autista, ou haverá como consequência do despreparo docente uma regressão ao invés de progressão.

O presente estudo foi realizado mediante pesquisa bibliográfica por meio de livros, revistas e artigos, tendo como objetivo conhecer as metodologias eficazes para alfabetização da criança com transtorno do espectro autista, para tanto buscou-se, conhecer as características do transtorno do espectro autista, conceitos, formas, sintomas, diagnósticos e tratamento, buscou-se ainda compreender o processo de alfabetização das crianças autistas.

## 2 TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: conceitos e definições

O termo autismo vem do grego “autos”, que significa “de si mesmo”. Kanner, em 1943 descreveu um grupo de crianças que apresentavam inabilidade para se relacionarem com outras pessoas, tendência ao isolamento, falha no uso da

linguagem para a comunicação e uma necessidade extrema de manter-se na “mesmice” (VARGAS, 2011).

O Autismo Infantil foi definido por Kanner (1943, citado por ROCHA, 1997), empenhou-se na construção de uma nova entidade nosográfica, uma síndrome clínica particular completa, que se distinguiria radicalmente da esquizofrenia de Bleuler: “distúrbios autísticos do contato afetivo”, para designar os casos de retraimento em crianças menores de um ano.

O autismo faz parte de uma família de distúrbios da socialização com início precoce e curso crônico, que possuem um impacto variável em áreas múltiplas de desenvolvimento, desde o estabelecimento da subjetividade e das relações pessoais, passando pela linguagem e comunicação, até o aprendizado e as capacidades adaptativas (KLIN; MERCADANTE, 2013).

Consoante o Manual Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais (DSM-5) o autismo se caracteriza como: prejuízo persistente na comunicação social recíproca e na interação social (Critério A) e padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades (Critério B). Esses sintomas estão presentes desde o início da infância e limitam ou prejudicam o funcionamento diário (Critério C e D). O estágio em que o prejuízo funcional fica evidente irá variar de acordo com características do indivíduo e seu ambiente. Características diagnósticas nucleares estão evidentes no período do desenvolvimento, mas intervenções, compensações e apoio atual podem mascarar as dificuldades, pelo menos em alguns contextos. Manifestações do transtorno também variam muito dependendo da gravidade da condição autista, do nível de desenvolvimento e da idade cronológica; daí o uso do termo espectro (APA, 2014).

Conforme Gaiato e Teixeira (2018), pode-se definir autismo ou transtorno do espectro autista como uma condição comportamental em que a criança apresenta prejuízos ou alterações básicas de comportamento e interação social, dificuldades na comunicação, como, por exemplo, na aquisição de linguagem verbal e não verbal; alterações na cognição e presença de comportamentos repetitivos ou estereotipados. É importante entender que existe um atraso significativo no desenvolvimento dessas habilidades e essas características aparecem nos primeiros anos de vida da criança. É necessário um diagnóstico de um profissional especializado. Os diagnósticos de autismo atualmente se baseiam nos critérios internacionais propostos pelo CID

(Classificação Internacional de Doenças) e pelo DSM (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*).

Griesi-Oliveira e Sertié (2017) definem o TEA como uma limitação neurológica, que causa defasagens no processo de comunicação e socialização. Ocorre precocemente e seus sintomas variam conforme o nível de intensidade, traduzido por comportamentos considerados atípicos.

Segundo Becker (2016) não há apenas um fator que cause o transtorno, as pesquisas indicam que o TEA possui algumas evidências constantes que fazem com que a pessoa seja diagnosticada. É importante também conhecer os níveis de TEA. Autismo atípico Transtorno global do desenvolvimento, ocorrendo após a idade de três anos ou que não responde a todos os três grupos de critérios diagnósticos do autismo infantil.

Segundo Andrade (2022) por se tratar de um espectro, o transtorno passou a ter alguns níveis de classificação. Para classificar os níveis de gravidade do Transtorno do Espectro Autista (TEA), a Associação Americana de Psiquiatria (DSM-5) utiliza o nível de dependência provocado pelo autismo:

- Nível 1 (leve) - Pessoas no TEA com necessidade de pouco apoio. Nesse nível, os indivíduos têm dificuldade em iniciar interações sociais ou em mantê-las em boa qualidade. Tem pouco interesse em interações sociais rotineiras. Não tem sucesso nas tentativas de fazer novas amizades. As dificuldades provocadas pela inflexibilidade cognitiva são evidentes nessas pessoas, além de problemas em relação à organização e planejamento.
- Nível 2 (moderado) - Pessoas no TEA com necessidade de apoio substancial. Nesses casos, mesmo com o uso de apoio ou suporte, tais deficiências são claras e significativas, comprometendo substancialmente as relações interpessoais. A busca por novas amizades é constantemente comprometida e, quando ocorre, malsucedida pela falta de estratégias comportamentais. A fala expressiva é simplificada e a compreensão da fala dos outros é muitas vezes comprometida. Falar sobre assuntos restritos e de pouco interesse social é frequente e a comunicação não verbal é significativamente inadequada e insuficiente para a manutenção das relações interpessoais. A inflexibilidade cognitiva é perceptível aos observadores e intensa a ponto de comprometer as relações.
- Nível 3 (severo) - Pessoas no TEA com necessidade de apoio muito substancial. As pessoas com comprometimentos muito graves na comunicação social verbal e não verbal são classificadas no nível 3, e cujo comprometimento causa danos graves ou mesmo impossibilita a interação social interpessoal. Buscar ou iniciar contato social é raro, extremamente limitado ou nada, e as respostas a iniciativas de comunicação de terceiros são severamente limitadas ou inexistentes. São pessoas com limitações significativas na fala expressiva e na compreensão da fala, em que a inflexibilidade de comportamento gera extrema dificuldade ou incapacidade de lidar com pequenas mudanças na rotina diária (APA, 2014, p. 93).

Faicon (2005) ressalta que cerca de 70% das pessoas com transtorno autista apresentam um retardo no desenvolvimento neuropsicomotor do mais leve até o mais severo. Outros 20% podem apresentar uma inteligência dentro dos padrões de normalidade e uns 10% dessas pessoas podem ter uma inteligência acima da normalidade, definindo o que chamamos de autismo de auto funcionamento, o que corrobora.

Considerando os níveis citados do TEA é possível compreender as diferenças, com isso ambos necessitam do apoio familiar no ambiente escolar. De acordo com Bandeira (2021), é essencial para a família seja acolhida pela escola e receba uma orientação necessária para conseguir lidar com os níveis de gravidade do TEA, e os seus comportamentos do dia a dia para ter sucesso, bem como, no futuro da criança.

## **2.1 Características das crianças com TEA em sala de aula**

De acordo com Cunha (2015) a comunicação não verbal é bastante limitada, as expressões gestuais são inexistentes, porque a criança não atribui valor simbólico a eles. Quando quer um objeto, utiliza a mão de algum adulto para apanhá-lo. Não aponta ou faz gestos que expressam pedidos. Uma das maneiras mais comuns para identificar casos de autismo é verificar se a criança aponta para algum objeto ou lugar. A criança autista tem dificuldade para responder a sinais visuais e, normalmente, não se expressa mimicamente, mesmo quando estimulada.

Segundo Henriques (2009, citado por BENUTE, 2020) a comunicação é afetada do ponto de vista da compreensão e da expressão da linguagem falada e gestual. Metade das pessoas com TEA não desenvolvem uma fala compreensível, ao passo que a outra parte manterá atrasos nesta área.

Passos e Bandim (2011) relata que o desenvolvimento dos meninos com autismo é maior do que o desenvolvimento das meninas, observando que apesar de ambos os gêneros possuírem o mesmo nível de gravidade, os meninos com autismo aprendem com mais facilidade do que as meninas. Ainda hoje existem muitas dúvidas em relação à diferença na severidade e na capacidade de aprendizagem entre meninos e meninas com autismo, além de existirem poucos estudos voltados a este conteúdo.

Outros comportamentos comuns no autismo são: movimentos estereotipados, dificuldade de olhar fixo para alguém, agressividade em determinadas situações, não

atender pelo nome quando é invocado, correr de um lado para o outro, não conseguir manter a atenção em algo ou em alguém e ter dificuldades de realizar atividades de vida diária (FUMAGALLI et al., 2011).

Crianças com autismo são mais lentas em aprender a interpretar o que os outros estão pensando e sentindo. Sinais sociais sutis como um sorriso, um piscar de olhos, ou uma careta, podem ter pouco significado. Para uma criança que perde esses sinais, um "Venha aqui" sempre significa o mesmo que quando alguém está sorrindo e estendendo os braços para um abraço ou franzindo a testa e colocando os punhos nos quadris. Sem a habilidade de interpretar gestos e expressões faciais, o mundo social pode parecer desconcertante. Para agravar o problema, as pessoas com autismo têm dificuldade de enxergar as coisas da perspectiva de outra pessoa. Crianças com mais de 5 anos entendem que outras pessoas têm informações, sentimentos e objetivos diferentes dos que elas têm. Para uma pessoa com autismo falta tal entendimento. Esta dificuldade deixa-os incapazes de prever ou compreender as ações de outras pessoas (MANUAL PARA AS ESCOLAS, 2011).

Os autistas apresentam apego pela rotina e dificuldade de lidar com mudanças repentinas de horários e lugares. Em relação aos comportamentos associados há alterações dos sentidos (tato, visão, audição, olfato), hipersensibilidade auditiva, hipersensibilidade tátil, dificuldade em aceitar alguns alimentos, alterações no sono, automutilação, oscilações de calma e agitação, entre outros comportamentos (MELLO, 2003).

Consoante o Manual para as Escolas (2011), algumas pessoas com TEA podem também apresentar habilidades incomuns que permitem em muitos casos superar outras áreas de déficits, por exemplo: forte destreza visual, facilidade de entender e reter alguns conceitos, regras, e sequências; excelente memória para detalhes ou fatos mecânicos; memória de longo prazo; capacidade em informática, habilidades tecnológicas ou interesse musical; intensa concentração ou focalização especialmente em áreas de atividade preferidas; habilidades artísticas, matemáticas e a honestidade.

### **2.3 A importância da alfabetização da criança autista para seu desenvolvimento**

Lazzarotto (2010) conceitua alfabetização como uma ação que capacita e permite que o sujeito interaja com a leitura e a escrita, desvendando um mundo que, por muitas vezes apresenta-se decodificado socialmente.

Shibukawa e Capellini (2013) afirmam que o processo de alfabetização é essencial para que o sujeito consiga viver em sociedade. O processo de alfabetização é um grande desafio para todas as crianças, porém a alfabetização de alunos com TEA é um grande desafio para os docentes, pois nessa fase é necessário a interação ativa do aluno, algo que é mais difícil de acontecer com alunos com TEA. Mas nenhum docente pode afirmar que as crianças portadoras de espectro autista não podem ser alfabetizadas por conta de suas características e dificuldades.

Helming (1965) ao citar Maria Montessori ressalta que a criança aprende aquilo que tem condições cognitivas de aprender. Portanto, é necessário observar a criança no processo de desenvolvimento. Vale salientar que o processo de alfabetização e letramento não ocorre de modo igualitário para todos, pois cada aluno possui sua individualidade, portanto é necessário entender as dificuldades que elas podem apresentar no processo de alfabetização e como lidar com elas no ambiente escolar

A ausência da fala costuma estar relacionada a atraso significativo no desenvolvimento e a maiores déficits cognitivos. Apesar das dificuldades, algumas pessoas não falantes com autismo demonstram grande interesse por palavras escritas; nesse caso, deve-se considerar a possibilidade de ensinar a esses educandos algumas relações entre palavras escritas e figuras do cotidiano, referentes a itens de interesse do aprendiz. Para uma pessoa que não fala, aprender a identificar algumas palavras escritas em seu cotidiano pode melhorar muito a compreensão do ambiente e favorecer a interação social (ONZI; GOMES, 2015).

Perotti (2016) afirma que quando se agregam a participação da família, profissionais especializados no tratamento terapêutico de crianças com TEA, tais como fonoaudiólogos, terapeutas, psicólogos e a da escola na estimulação com TEA, as instituições conseguem elaborar intervenções que são estruturadas especificamente para cada criança, conseguindo promover melhor desenvolvimento.

Ferreiro (2001) ao mencionar que, “a alfabetização inicial é considerada em função da relação entre o método utilizado e o estado de “maturidade” da criança”,

assim, para a criança TEA se alfabetizar vai depender de seu nível, de sua aptidão para a aprendizagem além das estratégias metodológicas utilizadas.

As características do autismo geralmente duram vida toda de uma pessoa, embora possam mudar consideravelmente ao longo do tempo e segundo as intervenções. Um indivíduo levemente afetado poder parecer apenas peculiar e levar uma vida normal. Uma pessoa severamente afetada pode ser incapaz de falar ou de cuidar de si mesma. Uma intervenção precoce e intensiva pode fazer diferenças extraordinárias no desenvolvimento e no resultado de uma criança. Esta descrição dos sintomas sociais, dificuldades de comunicação (MANUAL PARA AS ESCOLAS, 2011).

Considerando a grande demanda de alunos nas salas de aulas, podemos logo descartar uma estratégia possível para que as práticas pedagógicas eficazes se tornem realidade no ensino regular, como o ensino colaborativo e a cooperação entre os profissionais que atuam com o aluno com autismo.

#### **2.4 Estratégias eficazes para alfabetização da criança autista na educação infantil**

O lúdico é um grande aliado no processo de alfabetização, pois ele colabora para que os alunos possam obter um bom desenvolvimento integrando os aspectos sociais, motores e cognitivos. A utilização de recursos de apoio visual é de grande valia no processo de ensino aprendizagem. A criação desses recursos visuais está relacionada ao cotidiano do aluno, podem ser fotos ou objetos de locais, ou do aluno em diferentes momentos e espaços do cotidiano da turma, de objetos que indiquem necessidades básicas e a participação do aluno no contexto da sala de aula (SILVA; ALMEIDA. 2012).

O docente deve criar uma rotina de atividades a seu aluno, desenvolvendo competências e habilidades a criança autista. Além disso, o ambiente também é muito importante, uma vez que em lugares muito barulhentos, o discente desencadeia crises de comportamento, deixando-o desorientado e desconfortável. Sabendo disso, o docente aos poucos deve preparar seu aluno para situações adversas de maneira que ele entenda e aceite as dificuldades gradativamente. Caso o aluno entre em crise é necessário que o professor retire imediatamente esse aluno do ambiente ao qual está inserido (ROS, 2003).



Segundo Souza (2015) a adequação curricular é um recurso pedagógico de suma importância para crianças com autismo visto que elas não possuem um estado de atenção satisfatório na execução da tarefa, com dificuldade no uso do material pedagógico formal do ensino regular. Ainda, segundo a autora, oferecer aos alunos autistas, oportunidades de uma verdadeira inclusão educacional, para poderem desenvolver os saberes necessários ao seu período escolar, buscando a inserção e a inclusão no processo de aprendizagem deve ser prioridade.

Santos (2017) diz que deve se adaptar as estruturas físicas e educativas para facilitar a participação social; para aprender a se relacionar, eliminando as barreiras psicológicas e sociais que impõem, criar clima de cooperação na sala de aula docente x aluno, aluno x aluno e família.

O professor deve se atentar ao interesse que o aluno tem em relação aos jogos e músicas, tornando a relação dele com os colegas de sala mais interessante. E se o aluno está interessado e inserido num grupo social o seu processo ensino-aprendizagem torna-se mais efetivo. Por isso, é necessário que o docente esteja diariamente tendo contato com a família desse aluno, entendendo a dinâmica e estrutura familiar do discente. Isso ajudará o professor a fazer com que esse aluno permaneça em sala de aula por mais tempo (ROS, 2003).

De acordo com Ribeiro, Conrado e Legey (2021), jogos digitais apresentam uma característica atrativa e agradável às crianças com TEA, facilitando muito a interlocução e a interação social com os alunos. Por isso, os recursos tecnológicos como computadores, tablets e brinquedos digitais estão sendo cada vez mais usados na educação de crianças, por ser um método de aprendizagem mais atrativo.

Segundo, Farias et al. (2014) os recursos tecnológicos sozinhos não surtirão efeitos se a interação proposta pelo professor não for adequada às especificidades de cada aluno. O professor precisa conhecer seu aluno, seu nível de capacidade para então aliado ao contexto social e cultural, as tecnologias usadas na educação tornam-se ferramentas de ensino positiva se planejadas e contextualizadas intencionalmente.

A Lei n. 12.764 de 27 de dezembro de 2012, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, dispõe sobre os direitos regulamentados do aluno com TEA. Ela discorre não somente sobre o acesso à escola regular, como também à sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE) e a um profissional que sirva de apoio para ajudar no melhor desempenho das atividades realizadas na escola, em qualquer nível de escolaridade

da criança. O profissional deve se organizar não somente com o professor responsável pelo aluno, mas com toda a equipe escolar que estabeleça vínculo com ele (BRASIL, 2012).

O AEE é um serviço que deve ser preferencialmente executado na Sala de Recursos Multifuncionais, conhecido por ser um local repleto de utensílios, como equipamentos, mobílias, suportes didáticos e pedagógicos que beneficiem o atendimento educacional especializado, auxiliando na inclusão escolar garantindo a esses estudantes o acesso, participação e a aprendizagem (BRASIL, 2011).

De acordo com Santos (2017) quanto maior for o grupo da qual a criança participa, melhor será seu desenvolvimento. Assim sendo, a escola torna-se um ambiente social capaz de desenvolver por meio de estímulos externos os relacionamentos com a troca, seus semelhantes, podendo propor atividades desafiadoras e favoráveis ao desenvolvimento cognitivo, social, emocional e linguístico.

Crianças com autismo têm dificuldades de entender regras, expressões faciais, corporais, além de metáforas e ironias. Por isso, há urgência do mediador na participação social dessas crianças, intermediando brincadeiras, jogos e conversas (ROMERO, 2016).

Segundo Laplane (2014) é preciso promover a aprendizagem da criança com TEA, estimulando a interação social, encorajando a criança a se relacionar com seus pares, solucionar problemas. Realizar atividades de percepção e representação, estimular o uso da linguagem oral e escrita e diferentes conhecimentos. Para as instituições tornar inclusiva é importante que enfrentam as dificuldades como um desafio e uma oportunidade de ampliar seus conhecimentos e suas possibilidades de aprendizagem, mesmo porque somos diferentes e a aprendizagem não é homogenia. Lancem o desafio de aumentar suas estratégias pedagógicas, criando modelos para que todos possam se sentir inseridos neste processo.

Segundo Capellini, Zanata e Pereira (2008) o ensino colaborativo é uma estratégia didática inclusiva em que o professor da classe comum e o professor, ou especialista planejam de forma colaborativa, procedimentos de ensino para ajudar no atendimento a estudantes com deficiência, em classes comuns, mediante um ajuste por parte dos professores.

É importante entender que o brincar de uma criança autista, envolve uma característica de faz-de-conta e de ludicidade, ainda quando se encontra em fase

juvenil. Sá, Siquara e Chicon (2015, p. 356) se apoiaram em referenciais que envolvem a cultura corporal para darem relevância aos fatores culturais e sócio históricos que as crianças carregam consigo até mesmo no momento do brincar. Os autores destacam que “a criança ao evidenciar uma situação imaginária, congrega na brincadeira, os elementos da realidade social em que está inserida, facilitando a compreensão desse contexto”.

É importante a interação social no processo de inclusão para estimular o aluno no seu desempenho, estratégias de comunicação e mediação, dentre o processo de comunicação é preciso identificar as habilidades, motivações e preferências do aluno. Nas motivações e preferências é possível identificar aspectos lúdicos mediante brincadeiras. Dentre os recursos que podem contribuir para a comunicação de alunos com TEA temos a prancha de comunicação alternativa ou ampliada, está ferramenta dá a oportunidade de o aluno estabelecer uma ponte de comunicação com outras pessoas a partir de imagens ou objetos em miniatura. Para a sua construção deve ser considerada a rotina da criança e suas necessidades básicas, como os horários de atividades permanentes. O material de sua confecção pode ser de sucata e deve reunir objetos de interesse da criança (DELIBERATO, 2008).

A maioria das pessoas com autismo também se comunicam muito através dos desenhos e pinturas. No entanto, é importante que o interesse de cada pessoa seja pesquisado antes mesmo da mediação pedagógica, pois concordando com Silva, Gaiato e Reveles (2012, p. 117),

[...] procure saber quais são os maiores interesses do aluno com autismo e prepare materiais e atividades com esses temas. Isso fará com que ele se sinta mais estimulado a aprender, além de melhorar o vínculo entre o aluno e o professor. Sempre que possível utilize o máximo de material visual ou concreto, mostre figuras e gravuras no decorrer das explicações, e proporcione aos alunos vivências práticas, em que ele possa experimentar as coisas [...]

Consoante o pensamento de Cunha (2015), o docente precisa saber que, para a criança autista evoluir de forma saudável, ele não deve se alterar nem valorizar as suas reações excessivas. É importante que o professor se empenhe em disciplinar a atividade, sem imobilizar a criança. Pois, ela deve confiar no seu mestre. O docente precisa estar sempre atento para que, assim, possa redirecionar a atenção e a ação do estudante, todas às vezes em que este se desviar do foco da aprendizagem. Além disso, o professor necessita ter em mente que, durante as suas aulas, ele deve falar

baixo, sem nunca alterar o tom de voz nem o contato visual. As correções que precisarem ser feitas devem ser sempre de forma instrutiva, ensinando a maneira certa sem reprimir a criança. Certamente, estas alternativas pedagógicas contribuirão bastante para que as aulas cumpram o seu papel.

### **3 METODOLOGIA**

O presente estudo foi realizado por meio de uma pesquisa bibliográfica, segundo Gil (2002) pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.

Bocato (2006, p. 266) explica que com a pesquisa bibliográfica busca-se “a resolução de um problema por meio de referenciais teóricos publicados”. Andrade (2010) discorre que este tipo de pesquisa é obrigatório nas pesquisas exploratórias, na delimitação do tema de um trabalho ou pesquisa, no desenvolvimento do assunto, nas citações, na apresentação das conclusões.

### **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Através do presente estudo foi possível verificar que o autismo ou também conhecido como TEA, transtorno do espectro autista é um transtorno do desenvolvimento, podendo aparecer os primeiros sinais no primeiro ano de vida, não apresenta um padrão característicos de sinais ou sintomas o que dificulta o diagnóstico. Verificou-se também que o autismo pode ser do tipo um, dois e três, dependendo do grau de gravidade estabelecido pela intensidade dos sintomas.

Sobre as estratégias educacionais foi possível identificar que a criança autista necessita seguir rotinas, estar em ambientes com poucos estímulos visuais e auditivos, dependendo do grau de autismo apresentado o uso de cartões como meio de comunicação alternativa pode ser de grande utilidade. Há ainda a necessidade que a equipe escolar desenvolva métodos de sociabilização da criança, maior flexibilidade e adaptação do currículo escolar, oferecendo formas diversificadas para se trabalhar os conteúdos com alunos autistas. Sempre respeitando a realidade e desenvolvimento de cada criança.

O professor é um agente importante no processo de alfabetização da criança com TEA, e precisa estar sempre atento para direcionando a atenção da criança

sempre que for desviada, manter um tom de voz agradável, manter contato visual, o ensino deve evitar críticas e reprimendas. Desenvolver sempre que possível, atividades em grupo favorecendo a integração do aluno.

É ainda de grande relevância que o professor faça adaptações curriculares para conseguir atender as necessidades do aluno e que também cumpra os conteúdos exigidos pelo currículo escolar. Essas adaptações são importantes, para que o aluno consiga acompanhar as aulas e desenvolva as atividades de forma eficiente e interativa, favorecendo assim o desenvolvimento de competências e habilidades no aluno.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Joice. Níveis de gravidade: quais são os graus do autismo e o que significam. **Jade**, abr. 2022. Disponível em: <<https://jadeautism.com/niveis-de-gravidade-do-tea/>>. Acesso em: 16 abr. 2022.

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. São Paulo, SP: Atlas, 2010. *E-book*.

APA. American Psychiatric Association. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. p.94-102.

BANDEIRA, Gabriela. **Autismo moderado?** Entenda mais sobre o autismo nível 2. São Paulo: Genial Care, 2021. Disponível em: <<https://genialcare.com.br/blog/autismo-moderado/>>. Acesso em: 16 abr. 2022.

BECKER, Michele Micheli. RIESGO, Rudimar dos Santos. Aspectos Neurobiológicos dos Transtornos do Espectro Autista. In: ROTTA, Newra Tellechea; OHLWEILER, Lygia; RIESGO, Rudimar Santos dos (Orgs.). **Transtornos de aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2016. p. 357-365.

BENUTE, Gláucia Rosana Guerra. **Transtorno do espectro autista (TEA): desafios da inclusão**. São Paulo: Setor de Publicações - Centro Universitário São Camilo, 2020.

BOCCATO, Vera Regina Casari. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Revista Odontológica da Universidade da Cidade São Paulo**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1896>>. Acesso em: 20 out. 2022.

BRASIL. Decreto n. 7.611, de 17 de novembro de 2011. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 18 de novembro de 2011. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2011/decreto/d7611.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7611.htm)>. Acesso em: 23 ago. 2022.

BRASIL. Lei n. 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. **Diário Oficial da União**, Brasília, 28 de dezembro de 2012. Disponível em:

<[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm)>. Acesso em: 06 out 2022.

CAPELLINI, Vera Lúcia Messias Fialho; ZANATA, Eliana Marques; PEREIRA, Verônica Aparecida. **Práticas educativas: ensino colaborativo**. Bauru: MEC/FC/SEE, 2008.

CUNHA, Eugênio. **Autismo na Escola: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar**. 3. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2015.

DELIBERATO, Débora. Comunicação alternativa: informações básicas para o professor. In: OLIVEIRA, Anna Augusta Sampaio de; OMOTE, Sadao; GIROTO, Claudia Regina Mosca (Org.). **Inclusão Escolar: as contribuições da Educação Especial**. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2008. p. 233-259.

FAICON, José Raimundo. **Inclusão Escolar e as suas Implicações**. Curitiba: IBPEX, 2005.

FARIAS, Ezequiel B.; SILVA, Leandro W. C.; CUNHA, Mônica X. C. ABC AUTISMO: Um aplicativo móvel para auxiliar na alfabetização de crianças com autismo baseado no Programa TEACCH. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE SISTEMAS DE INFORMAÇÃO (SBSI), 10, 2014, Londrina. **Anais ...** Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2014. p.458-469. Disponível em: <[https://saocamilosp.br/\\_app/views/publicacoes/outraspublicacoes/nape\\_volume\\_02\\_13abr\\_FINAL.pdf](https://saocamilosp.br/_app/views/publicacoes/outraspublicacoes/nape_volume_02_13abr_FINAL.pdf)>. Acesso em: 18 set 2022.

FERREIRO, Emilio. **Reflexões sobre a alfabetização**. São Paulo: Cortez, Autores Associado.2001.

FUMAGALLI, Márcia Regina Marteleto et al. Problemas de comportamentos em crianças com transtorno autista. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, a. 1, v. 27, n. 1, 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ptp/a/rGZrZnfwY7SR8WV7pVVyy3k/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 19 ago. 2022.

GAIATO, Mayra; TEIXEIRA, Gustavo. **O Rezinho Autista: Guia para lidar com comportamentos difíceis**. São Paulo: Versos, 2018. Disponível em: <<https://proinclusao.ufc.br/wp-content/uploads/2020/05/o-rezinho-autista.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, SP: Atlas, 2002.

GRIESI-OLIVEIRA, Karina; SERTIÉ, Andréa Laurato. Transtornos do espectro autista: um guia atualizado para aconselhamento genético. **Einstein**, v. 15, n. 2, p. 233-238, 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/eins/a/YMg4cNph3j7wfttqmKzYsst/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 13 set. 2022.

HELMING, Helene. **El Sistema Montessori**. Barcelona: Editorial Luís Miracle, 1965.

KLIN, Ami; MERCADANTE, Marcos T. Autismo e transtornos invasivos do desenvolvimento. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, 2013. Disponível em: <INCLUSAO\_ESCOLAR\_ALUNOS\_AUTISMO\_QUE\_DIZ\_LITERATURA.pdf(educar.etransformar.net.br):10>. Acesso em: 19 set. 2022.

LAPLANE, Adriana Lia Frizman de. Reflexões sobre ensino, aprendizado e transtorno do espectro autista. In: ALMEIDA, Maria Amélia; MENDES, Enicéia Gonçalves (Orgs). **A escola e o Público-alvo da Educação Especial: apontamentos atuais**. São Carlos: M&M, 2014. p. 229-245.

LAZZAROTTO, Elaine Fátima Serena. **Alfabetização e Letramento**. Três Cachoeiras/RS: [s.n.], 2010.

MANUAL PARA AS ESCOLAS. **Autismo & Realidade**. 2011. Disponível em: <[http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/cao\\_civel/Manual\\_para\\_as\\_Escolas.pdf](http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/cao_civel/Manual_para_as_Escolas.pdf)>. Acesso em: 7 out. 2022.

MELLO, Ana Maria. **Autismo**. 2. ed. Brasília: Editora Guia Prático, 2003.

ONZI, Franciele Zanella; GOMES, Roberta de Figueiredo. Transtorno do espectro autista: a importância do diagnóstico e reabilitação. **Caderno Pedagógico**, Lajeado, v. 12, n. 3, p. 188-199, 2015.

PASSOS, Luana Lindoso; BANDIM, José Marcelino. **Diferença na aprendizagem entre meninos e meninas com autismo**. Recife, 2011. Pósgraduação. Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/1588952-Diferenca-na-aprendizagem-entre-meninos-e-meninas-com-autismo-learning-differences-among-male-and-female-children-with-autism.html>> Acesso em: 15 set. 2022.

PEROTTI, Ivane Laurete. O Transtorno do Espectro do Autista na escola: um labirinto de práticas interligadas na alfabetização. **Percursos Acadêmicos**, v. 6, n. 12, p.353, 2016. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/percursoacademico/article/view/2236-0603.2016v6n12p353/11261>>. Acesso em: 09 set. 2022.



RIBEIRO, Sérgio Fernando C.; CONRADO, Luciane; LEGEY, Ana Paula. O Uso da Tecnologias Digitais no Desenvolvimento das Crianças com Transtorno de Espectro Autista. **RCMOS - Revista Científica Multidisciplinar O Saber**, v. 3, n. 3, 2021.

Disponível em:

<<https://revistacientificaosaber.com.br/ojs/envie seu artigo/index.php/rcmos/article/view/27>>. Acesso em: 27 set. 2022.

ROCHA, Paulina S. (Org.). **Autismos**. São Paulo: Escuta, 1997.

ROMERO, Priscila. **O aluno autista: avaliação, inclusão e mediação**. Rio de Janeiro: WAK, 2016.

ROS, Ana Maria. **Dificuldades acentuadas de aprendizagem: autismo**. 2. ed. São Paulo. Brasília, 2003.

SÁ, Maria das Graças Carvalho Silva de; SIQUARA, Zelinda Orlandi; CHICON, José Francisco. Representação simbólica e linguagem de uma criança com autismo no ato de brincar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Espírito Santo, v. 37, n. 4, p. 355-361, ago. 2015. Disponível em: <[www.scielo.br/pdf/rbce/v37n4/0101-3289-rbce-37-04-0355.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rbce/v37n4/0101-3289-rbce-37-04-0355.pdf)>. Acesso em: 6 mar. 2023.

SANTOS, Vanice de Paula dos. **A percepção e as expectativas dos gestores e docentes das salas regulares: cenário a educação inclusiva**. Sinop, MT: Imprenort, 2017. Disponível em:

<[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos/pde/pdebusca/producoes\\_pde/2016/2016\\_artigo\\_ped\\_unioeste\\_wivianebenini.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos/pde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_ped_unioeste_wivianebenini.pdf)>. Acesso em: 05 out 2022.

SHIBUKAWA, Priscila Hikaru; CAPELLINI, Vera Lúcia Messias Fialho. **O autismo e suas especificidades refletidas no processo de alfabetização e letramento em uma escola de ensino fundamental ciclo I**. Curitiba: Pontifca Universidade Católica do Paraná, 2013. p.110. Disponível em:

<<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/121138/000728120.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 13 out. 2022.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa; GAIATO, Mayra Bonifácio; REVELES, Leandro Thadeu. **Mundo Singular: entenda o Autismo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

SILVA, Sandra Francisca da; ALMEIDA, Amélia Leite de. Atendimento educacional especializado para aluno com autismo: Desafios e possibilidades. **International Journal of Knowledge and Learning**, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 62-88, 2012.

SOUZA, Cristina de Fátima de Oliveira Brum Augusto de. Estratégias de adequação curricular para alunos com autismo. **Revista Philologus**, a. 24, set./dez. 2018.

Disponível em: <<https://docplayer.com.br/136405617-Estrategias-de-adequacao-curricular-para-alunos-com-autismo.html>>. Acesso em: 10 out. 2022.

VARGAS, Rosanita Moschini. Autismo e síndrome de Asperger. In: SAMPAIO, Simaia; FREITAS, Ivana Braga. **Transtornos e dificuldades de aprendizagem**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011. p. 45-62.